



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Estudo sobre o infantil na literatura de autoficção de Alice Munro
Autor	MARIANA TAMARA DA SILVA BATISTA
Orientador	MARTA REGINA DE LEAO D AGORD

Título: Estudo sobre o infantil na literatura de autoficção de Alice Munro
Autor: Mariana Tamara da Silva Batista
Orientador: Marta Regina de Leão D'Agord
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo

Esta pesquisa trabalha a temática do infantil tal como a psicanálise o define, em contraposição à infância. Isto é, se a infância é delimitada como uma etapa do desenvolvimento humano, o infantil segue outra temporalidade, própria ao inconsciente. Buscaremos trabalhar a potência do conceito de infantil, enquanto aquilo que fica registrado inconscientemente e sobrevive nas fantasias e temores. Na literatura, é possível encontrar testemunhos desse infantil que persiste. Nesta pesquisa pretendemos abordar a temática do infantil a partir de quatro narrativas de Alice Munro presentes no livro *Vida querida*.

As narrativas *O olho*, *Noite*, *Vozes e Vida querida* retratam cenas do cotidiano da infância e adolescência da narradora em uma pequena cidade do Canadá. As narrativas preservam, no entanto, o espanto infantil em relação aos enigmas da origem dos bebês, da diferença sexual e da morte. Mesmo que a autora, na escrita atual, revele como algumas dessas cenas ganharam novos significados, a perspectiva infantil fica preservada. Um traço comum às quatro narrativas é o trauma e o enigma: trauma relacionado ao inassimilável; enigma sobre o mundo adulto e sobre a sexualidade.

Se em *O olho* a narradora recorda o sofrimento infantil quando via sua irmazinha mamando, em *Noite*, ela relata o temor, quando adolescente, diante da fantasia de matar essa mesma irmã. Haveria uma continuidade entre algo sofrido e o que passara a ser temido? Isto é, a fantasia de livrar-se da criança intrusa se tornara o temor adolescente de matar a irmã? Em *Vida querida*, a quarta narrativa, a autora relata uma cena de infância contada por sua mãe inúmeras vezes: por alguns instantes, a mãe deixara a filha dormindo em um carrinho de bebê na frente da casa. Ao ver a vizinha, conhecida por um histórico de agressões, aproximar-se da casa, a mãe corre para buscar o bebê. A mãe fantasiara que a vizinha faria algum mal para a criancinha. Ora, temores e fantasias não seriam a tela que dissimula algo pensado inconscientemente?

Anos depois, a narradora encontra um poema no qual identifica as paisagens vistas desde a janela de sua casa de infância. Ela se dá conta que a autora desse poema, que tem o mesmo sobrenome da vizinha, havia morado na mesma casa que ela. Isso lhe permite concluir que talvez a vizinha estivesse procurando seu próprio bebê quando se aproximara do carrinho. O acaso produziu uma desconstrução daquele mito familiar no qual a narradora participara como bebê e do qual não restava outra memória além do relato materno. Aqui deveremos ampliar nossa concepção de infantil para nela incluir o que se origina de mitos familiares, cenas que podem estar apoiadas sobre uma fantasia materna, mas que repetidas durante a infância, ser tornam fatos até que um acaso permita a sua desconstrução, como no caso de Alice Munro, ou no caso de uma análise pessoal, quando os mitos familiares são desconstruídos.